



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O DISCURSO PATRIARCAL EM *AS TROIANAS*, DE SÊNECA

Autor: Silvanna Kelly Gomes de Oliveira;

(Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; email: silvannakelly@hotmail.com)

Co-autor: Olavo Barreto de Souza

(Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; email: olavo.barreto@live.com)

Resumo: Este artigo lança a reflexão a respeito da figura da mulher, dentro do modelo androcêntrico, tomando por base a obra *As Troianas*, de Sêneca. Para tanto, as características implícitas que delineiam o perfil feminino mediante a escrita do referido autor, tornam-se indispensáveis para o desenvolvimento da temática escolhida. Com isso, buscamos demonstrar que o discurso patriarcal pode ser apresentado através de uma literatura latina repleta de momentos trágicos na vida das mulheres troianas, os quais revelam a posição inferior a que estavam constantemente submetidas. As opressões, as limitações e regras impostas refletiam diretamente nas suas maneiras de ver o mundo e de se comportar. Tomando o texto trágico como suporte e concretização dessa ideia de mulher submissa, a pesquisa tem o intuito de acrescentar um conhecimento específico do assunto, somando-se ao que já se sabe sobre a figura socialmente construída da mulher.

Palavras-chave: literatura latina, tragédia, discurso patriarcal.

Introdução

Romper os estereótipos e paradigmas sempre foi um desafio, e se tratando do perfil feminino construído ao longo dos tempos, o desafio torna-se ainda maior. Para melhor entender a respeito da caminhada historiográfica da mulher na Antiguidade clássica, é preciso fomentar uma reflexão acerca da imposição sofrida por ela no que se refere à ordem social e à distribuição de papéis sociais. Circunstanciar o tempo arcaico com a finalidade de uma pesquisa detida na figura feminina é uma forma de assegurar os valores de uma época, imprescindível para a compreensão da formação familiar patriarcal-monogâmica, sobre a qual a mulher recebeu forte influência, apoiando-se nela.

Na tentativa de exemplificar alguns modelos sociais em lugares geograficamente distintos, na Antiguidade, tem-se primeiramente a separação entre o espaço público e o espaço privado doméstico, ditado em Atenas, que delimita os lugares masculinos e femininos, e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

afunila as posições de liberdade e da segregação social, comportando uma observação nítida do estereótipo da mulher. Deste modo, se considera tal cidade-Estado de acordo com a ideia de “ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro. Ao homem cabia por exclusividade o ‘espaço público’, o lugar da política, da filosofia, da artes, em contraposição ao ‘espaço doméstico’, privado, da mulher, o espaço de ‘dentro de casa’” (ALVES; PINTANGUY, 1985, p. 11).

A Grécia, por sua vez, apresenta um novo modelo de família, em que as mulheres são mais livres e respeitadas, principalmente as deusas da mitologia grega. No entanto, percebe-se a diferença do tratamento no decorrer dos tempos heroicos gregos, quando a mulher era rebaixada pelo predomínio do homem e pela concorrência com as escravas conforme sua posição hierárquica. A escolha de jovens escravas para a atividade sexual com os “superiores”, e a rigorosa fidelidade e castidade conjugal da esposa, denunciam a mulher sob dois parâmetros. Porém, esta última aparece conformada pelo seu papel de ser apenas a mãe dos legítimos filhos do homem; ou ser a mulher que vigia as escravas e cuida da casa, o que reforça ainda mais o caráter monogâmico das uniões conjugais, assim como reafirma a misoginia (aversão às mulheres).

É importante ressaltar também que a civilização romana ratificou, através das leis, a situação de inferioridade às mulheres, aos filhos, aos servos e aos escravos. Mediante a posição equidistante entre essas categorias, sabe-se que algumas mulheres, mesmo pertencendo a uma camada superior de sociedade juridicamente falando, não podiam exercer o direito de escolha do marido, pois a força do Estado era imponente e superior aos interesses individuais. O resultado dessa imposição era os casamentos tratados exclusivamente como tratos ou selos de acordo entre famílias.

Para exaltar mais uma característica atribuída à mulher da Antiguidade, cito Esparta como o lugar em que as mulheres puderam desfrutar de uma posição mais valorizada, sendo as espartanas casadas e a elite das prostitutas, os alvos de respeito para os antigos. Em contrapartida, a predominância patriarcal retoma o regime de Atenas, o qual ditava que a mulher não aprendia mais que fiar, tecer, coser, procriar, preparar alimentos e cuidar dos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

filhos, retirando-se no caso de uma visita masculina em seu lar; só saindo acompanhada de uma escrava caso fosse à rua; e sendo vigiada enquanto estivesse em casa. O modelo androcêntrico pode ser sintetizado na seguinte passagem:

(...) o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia, e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (...) o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verifica às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza das contradições e dos antagonismos que atingem seu pleno desenvolvimento nessa sociedade (ENGELS, 1980, p. 70 - 71).

Assim, as condições traçadas anteriormente determinaram a abordagem mais aprofundada da minha pesquisa. A fim de dar consistência à discussão acerca da temática feminina e do discurso patriarcal, apontarei aspectos relevantes dessa trajetória feminina, encontradas na tragédia que se apresenta como uma forma de revelar a angústia humana decorrente da incapacidade do homem em traçar seu próprio destino. Para tanto, falarei do gênero tragédia em linhas gerais e trabalharei a mulher pelas nuances estéticas utilizadas no gênero, vertendo posteriormente uma síntese reflexiva d'*As Troianas* de Sêneca, meu objeto de análise.

Com base nessas informações, este artigo visa identificar o discurso patriarcal na tragédia d'*As Troianas* com o objetivo de verificar as posições e comportamentos pertencentes às personagens femininas, além de analisar aspectos estilísticos em termos de construções simbólicas que condicionam o modelo androcêntrico de sociedade. Para o embasamento do trabalho, lançarei mão dos autores: Cardoso (2003), Souza (1966), entre outros.

O gênero tragédia e seus aspectos estilísticos em Sêneca

Tendo em vista os aspectos estilísticos presentes na maneira singular de expressar/narrar os acontecimentos humanos, faz-se necessário frisar que a poesia dramática abrange o gênero tragédia, o que implica na retomada do conceito de *mimesis*, pois se trata de uma imitação da arte helênica. A tragédia grega passou inicialmente pela fase religiosa, na qual se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

representava um texto por meio de gestos e movimentos. Mas com o passar do tempo, a tragédia se fixou em sua estrutura formal, desenvolvendo temas mitológicos, históricos, e apresentando um enredo que progride uma ação, que tem movimento, alternando os episódios com cânticos orais. (CARDOSO, 2003).

De acordo com a mesma autora, Lívio Andronico pôs os romanos em contato com o teatro grego e abriu as portas para seus sucessores, através de suas tragédias de linguagem pouco harmoniosa e seu estilo desigual. Entre Nêvio, Ênio, Pacúvio (220-130 a.C) Ácio (170-86 a.C), Cícero (80-43 a.C), Augusto (43 a.C.- 14 d.C), surgem tragédias de profunda influência sobre a literatura dramática, que “são as tragédias de Sêneca, o filósofo, a figura mais significativa das letras latinas da época dos príncipes júlio-claudianos.” (p. 41).

Paralelo à expansão da poesia dramática em uma forma trágica, a obra de Aristóteles intitulada por *Poética* discorre sobre a imitação (*mimesis*) e de catarse (*katharsis*, purificação, purgação) tratando-se da obra artística. Dentro dessa concepção, Aristóteles aborda sobre a tragédia como uma forma de imitação, assim como a epopeia, a comédia, a poesia ditirâmbica, mas defende a superioridade da tragédia e da comédia em relação ao iambo e à epopeia. Tal superioridade seria a responsável pela migração dos poetas para os dois primeiros gêneros, havendo o prestígio pela tragédia como *gênero maior*. (SOUZA, 1966).

A tragédia, para Aristóteles, consistia no ritmo, na harmonia e no canto, atribuindo um estilo agradável e admirável. O metro, o coro e a elocução também dão clima solene às certas partes e cenas que culminam no aspecto trágico. As ações mergulhadas nos mitos, o caráter fundido no costume, e o pensamento entremeando as denúncias de uma época repleta de momentos trágicos foram características fortes que o autor da *Poética* afirmou em seu texto. No mais, ele também discute sobre a semelhança da tragédia com a epopéia, sendo a primeira possuidora da vantagem de ser mais flexível.

A ideia que predomina sobre o gênero está envolta pela compreensão de que a tragédia trata de temáticas elevadas e trágicas de deuses, oráculos, mas não deixa de lado a condição humana. Talvez por esta razão, deu-se a devida importância à tragédia, antes de ela agonizar como forma literária. Quanto às tragédias de Sêneca, “o acento intencional dos traços de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

personalidade faz com que algumas das personagens se assemelhem a grandiosas caricaturas trágicas. Há um especial cuidado na caracterização de figuras femininas” (CARDOSO, 2003, p. 44).

Sêneca, como um autor destacado no gênero *tragédia*, escreveu peças para serem declamadas em público por seus aspectos retóricos, não se preocupando com o decoro convencional nem com o bom gosto e a costumeira conveniência. Pode-se perceber a ênfase dada à sua erudição através das seguintes palavras de Cardoso:

A linguagem de Sêneca é bem característica da época em que o dramaturgo viveu. Tem traços acentuadamente retóricos, o que lhe confere, ao lado da solenidade própria do gênero, um tom artificial e, por vezes, pedante. Mestre da língua e conhecedor profundo do material que reelabora, Sêneca se vale, a todo momento, de figuras de todos os tipos: aliterações, repetições, antíteses, imprecisões, metáforas, metonímias; utiliza-se também, da grande diversidade formal que a fase latina podia apresentar. (2003, p. 47)

Se, segundo Aristóteles, o espetáculo (a apresentação cênica) era o elemento que menos interessava na construção da tragédia, podemos dizer que a obra de Sêneca nada deixa a desejar no que se refere à formação de um texto, em si, trágico. Como foi dito anteriormente, suas peças não eram para serem encenadas, mas declamadas, à nobreza romana nos palácios. Eram tragédias impregnadas de estoicismo sob sentenças morais, se configurando como grande reflexo da sociedade a que pertenciam.

A Sêneca não era permitida a crítica social explícita, por isso a escolha de tragédias e textos filosóficos para traduzir a sua indignação com a política romana, sobre a moral e a virtude. Afora o teatro palaciano de Sêneca, o que a sociedade conhecia era o da banalidade, da sexualidade desenfreada, da violência, enfim, do sensacionalismo dado à população, sem sentido crítico algum; muito diferentemente dos espetáculos gregos – totalmente associados a valores de ordem política, ética e moral – essa prática dramática em Roma possuía um fim político, formulada pelos dirigentes romanos naquele período histórico.

Sêneca queria que seu texto fosse proferido, refletido e interpretado como alegoria da política romana, desejava que, com as dores das tragédias, uma voz crítica da situação social



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de seu povo emanasse aos ouvidos dos palacianos, o que surtiu efeito pelos elementos estilísticos utilizados por ele, principalmente n'*As Troianas*.

Síntese reflexiva da tragédia *As Troianas*, de Sêneca

No intuito de contextualizar as personagens de Sêneca n'*As Troianas*, é indispensável considerar, de acordo com Cardoso (2003), esta tragédia sendo a mais bem construída do autor. A estrutura da obra é convencional e o texto é constituído de um prólogo (apresentação inicial breve), um párodo (parte lírica da tragédia, na qual o coro declama ou canta e ao mesmo tempo executa movimentos coreográficos), três episódios de três estásimos (cada uma das odes cantadas pelo coro, entre dois episódios) e um êxodo. A ação é bipartida. Sêneca pratica a *contaminatio* (quando numa única peça duas ou mais obras gregas se misturam), englobando em sua obra duas tragédias, *Hécuba* e *As Troianas*, mas apresenta dois “motivos” trágicos que são a morte de Políxena, e a de Astíanax.

Baseada na saga que versa sobre a guerra entre Tróia e Grécia, *As Troianas* discorre acerca da crueldade e a angústia humana decorrente da incapacidade de se traçar o destino, como já foi mencionado anteriormente. O texto senequiano segue os preceitos estabelecidos por Aristóteles. Nele a rainha Hécuba inicia o prólogo fazendo uma sinopse da guerra e atua também no párodo como um prolongamento do prólogo; assume a função de corifeu e dialoga com as mulheres da cidade. Na primeira cena do primeiro episódio, Taltíbio, descrevendo a aparição de Aquiles, o grande herói grego, conversa com as troianas anunciando o primeiro motivo trágico da peça: a morte de Políxena.

Têm-se na segunda cena as presenças de Pirro, filho de Aquiles e a de Agamenon, comandante dos gregos em Tróia e na terceira cena o anúncio do segundo motivo trágico: a morte de Astíanax. A desesperança das troianas e a dúvida sobre uma existência após a morte é descrita no estásimo I. Já no episódio II, o dilema de Andrômaca e a entrega de seu filho aos gregos acontece composto de três cenas: na primeira Andrômaca, o ancião e Astíanax; na segunda, Andrômaca, Ulisses, Astíanax e soldados gregos e na terceira cena Andrômaca,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ulisses e soldados gregos seguida por monólogo lamurioso das troianas por não saberem para onde rumarão, constituindo o estásimo II.

No episódio III, Políxena é levada para a morte. Vê-se nesse episódio duas cenas: a primeira apresenta Helena, Políxena, Hécuba e troianas; já na segunda, Helena, Andrômaca, Políxena, Hécuba, troianas e Pirro; e no estásimo III ocorre uma evocação ao sofrimento coletivo. Finalmente, no êxodo um mensageiro aponta as circunstâncias das mortes de Políxena e Astíanax; apresentam-se, nesse momento, Hécuba, Andrômaca e o mensageiro.

Sêneca, além de “demolir” da corte o discurso que representava a fraqueza do povo subalterno, esse aspecto pode ser comprovado pelas falas das personagens Hécuba e Andrômaca. Já no início do texto, no párodo, Hécuba apresenta-se com postura de resistência pedindo às mulheres, que também sofriam com ela pela ausência e morte de seus maridos e filhos com a guerra, que se rebelassem e não se entregassem tão facilmente aos soldados gregos. Isso demonstra o sofrimento a que elas estavam submetidas. Cardoso (2003) afirma: “(...) as mulheres arrancam as vestes, desnudando o busto. (...) Andrômaca, em *As Troianas*, dividindo-se entre os deveres de mãe e a lembrança de um amor ardente.” (Idem, p. 44)

Para expressarem sua dor e de subverterem, pelo menos, à prática de submissão, não calando e levantando a voz, elas optaram pela “força” não simplesmente como forma de apelo, mas para mostrarem resignação e coragem, daí as batidas que dispõem no peito, simbolizando resquícios de fortaleza. Cardoso confirma a ideia retratando que:

As mulheres que compõem o coro não têm personalidades distintas (...) A exemplo dos cânticos corais, em geral, representam uma voz feminina, apenas, uníssona, que fala de desgraças, de dores irremediáveis, e se mostra conformada por não ter como rebelar-se contra as circunstâncias que as esmagaram.” (2010, p. 266)

No entanto, percebe-se o levantamento da voz feminina na fala de Hécuba n’*As Troianas*:

Companheiras fiéis de minha dor,
soltai a cabeleira! Que os cabelos caiam
pelos ombros aflitos, sujos de cinza quente de Tróia
que a multidão desnude os braços
após ter deixado cair vossas vestes,
atai as dobras, e que vossos corpos
se mostrem até o ventre. Para que casamento
velas o peito, ó pudor escravo?
Que um nó cinja as túnicas soltas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Que se desimpeçam vossas mãos furiosas,
para os golpes das pancadas incessantes
(...)
Agora, agora, ó sofrimento, mostra tua força!
(...)
(...) Que o mar
e o céu os escutem! Sede cruéis, ó mãos!
Golpei os peitos com violentos murros.
Não me satisfaço com o som habitual:
Choramos Heitor. (p. 35–37)

É importante ressaltar que “a derrota e o esmagamento fazem das mulheres um conjunto homogêneo e passivo. Em *As Troianas*, aliás, as grandes personagens trágicas femininas – Hécuba e Andrômaca – são pacientes e não agentes.” (CARDOSO, 2010, p.263). Além disso, os recursos métricos e estilísticos aos conteúdos significativos dos cânticos convergem para uma dolorosa lamentação, como a expressão de um sentimento indescritível. (Idem, p. 266)

Então, deduz-se que a figura da mulher n’*As Troianas* se faz sob um discurso patriarcal implícito, sendo este dominador e opressor. A voz das troianas releva a angústia e a vontade de tomar decisões dentro de um âmbito de guerras e batalhas constantes. As perdas e lamentações caracterizam a posição inferior da mulher, tendo em vista que a passividade traz a ideia de uma massa composta por mulheres que possuem o mesmo “silêncio” forçado. O modelo androcêntrico, em que o homem predomina sobre a mulher, sendo o centro das tomadas decisivas. Com isso, o patriarcalismo torna-se um elemento presente na obra senequiana de forma ativa.

Considerações finais

Concluo, portanto, que a identificação do discurso patriarcal na tragédia d’*As Troianas* deu-se de maneira sintética, porém suficiente para verificar as posições e comportamentos pertencentes às personagens femininas. Com a análise de alguns dos aspectos estilísticos em termos de construções simbólicas em personagens como Andrômaca, as quais implicam no



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

modelo androcêntrico de sociedade, tem-se que a mulher de fato sofreu a repressão dos seus sentimentos e das suas escolhas mais vis, sobretudo na tragédia escrita por Sêneca.

Espera-se com isso, um acréscimo de conhecimento e fomento à reflexão no que se refere ao papel da mulher ao longo dos tempos, desde que se analise primeiramente as suas funções na Antiguidade clássica até se chegar ao entendimento da atual visão construída da mulher em distintas sociedades, com suas culturas cada vez mais peculiares. Por fim, o aprofundamento da questão feminina abre espaço para outras pesquisas a quem possa interessar a área.

Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARISTÓTELES. *Poética*. Introdução, tradução e comentários de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. 23 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Sêneca: a construção psicológica das mulheres nos cantos corais de As troianas*. In: Cardoso, Z. A.; Duarte, A. S.. (Org.). Estudos sobre o Teatro Antigo. 1ed. São Paulo: Alameda, 2010.

ENGELS, Friedrich. *Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.